

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS**

ANDRÉA CRISTINA BRAGA CARVALHO

**ARTE CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O ESPAÇO FÍSICO DA CRIANÇA E SUA RELAÇÃO DE AFETIVIDADE NA
APRENDIZAGEM**

**JUIZ DE FORA
2019**

ANDRÉA CRISTINA BRAGA CARVALHO

**ARTE CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O ESPAÇO FÍSICO DA CRIANÇA E SUA RELAÇÃO DE AFETIVIDADE NA
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Paula Chaves Mello

JUIZ DE FORA
2019

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a querida tutora Ana Chaves pela disponibilidade, paciência, acompanhamento e interesse que demonstrou em me orientar neste trabalho, além de todo o feedback dado para a melhoria do mesmo. Meu agradecimento ao coordenador Fracione Carvalho, ao tutor Leandro de Souza Silva, ao professor Fabrício Carvalho e às professoras Gisele Cristina de Boucherville, Olga Egas, Renata Caetano, Eliane Bettocchi, Maria Cláudia Bonadio e Andréa, que também foram peças fundamentais na minha jornada. Ainda, aproveito para agradecer, em especial, a Universidade Federal de Juiz de fora pela oportunidade desta formação e aos meus colegas do curso pelas orientações e motivações nos fóruns. Sentirei saudades! Obrigada!

*“A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.”*

Manoel de Barros

INTRODUÇÃO

Sem parecer saudosista, lembro que o melhor aluno na disciplina de arte era aquele que melhor desenhasse, que usasse as composições e cores de forma harmoniosa e bela ou que fizesse a melhor cópia ou o melhor colorido. Sou do tempo em que arte na escola era atividade recreativa e vista como lazer. As atividades eram puramente baseadas no fazer, mas a reflexão sobre a atividade artística era quase ou nada explorada.

Manoel de Barros, o poeta das miudezas, nos ensina que um bom o provocador desperta o aprendizado e que as pequenas coisas também têm seus valores. Adapto esses ensinamentos à minha prática docente no que tange a capacidade do professor despertar provocações em seus alunos, mesmo em pequenos espaços e com poucos recursos. Estou levando para dentro da sala de aula esse ensinamento e as orientações desta Especialização, que me fizeram entender que a arte é uma poderosa ferramenta de provocação da humanidade.

Estou aprendendo o verdadeiro significado do “transver” o mundo – usando como ferramenta a arte, entendi que o ‘ver além’ é algo desafiador, porém encantador. Como educadora, desejo que os meus alunos tenham a mesma oportunidade de entender o verdadeiro significado de “transver” através da arte, suas criações, conceitos, ideias e experiências. Dividir minhas descobertas com os meus alunos é meu principal objetivo, contribuindo para a ampliação de seus conhecimentos, repertórios e busca de novas formas de perceber o mundo.

Minha proposta de trabalho se baseia em uma pesquisa de campo em uma escola da rede particular de Ensino Fundamental I com uma turma do 3º ano. A escola está situada na zona leste do município de Juiz de Fora e conta com pouco espaço físico, sendo composta por salas de aula e um pequeno pátio que tem o uso compartilhado para as atividades extraclasse entre Creche e Maternal e o Fundamental I. Entre as oito salas, ocupadas pela creche, maternal e ensino fundamental, não temos sala para artes. Faço uma adaptação da sala, o que muitas vezes dificulta o desenvolvimento de certas atividades. Faltam materiais e recursos tecnológicos, portanto desenvolvo as aulas dentro das possibilidades que estão ao meu alcance.

A pesquisa foi realizada com base em uma proposta de intervenção dentro da sala de aula, pois a intenção é modificar a forma de aprendizagem em arte no cotidiano do aluno e também converter a organização da sala de aula em um cenário mais envolvente e estimulante. A intenção é levantar questões que levem o aluno à reflexão de seu

posicionamento no espaço escolar e da vida, através de uma experiência estética não habitual e da elaboração de novos sentidos e emoções.

A pesquisa possui características metodológicas qualitativas, pois visa compreender as atividades criadoras vivenciadas por meus alunos mediante tarefas que os favoreça a participarem ativamente de todo o processo.

Desse modo, o fazer artístico, que é construído através da participação do aluno, ganha um caráter coletivo e construtivo. As atividades são acompanhadas por mim, pois minha intenção é analisar os comportamentos dos sujeitos pesquisados (alunos), diante das práticas que respeitem as subjetividades, as construções e as experiências. Tais atividades se dão através de ações cognitivas, ou seja, que promovam a aquisição do conhecimento e também afetivas, que expressam os sentimentos do aluno. Além disso, pretende-se estimular as práticas investigativas, através de atitudes críticas e de novas configurações imaginativas por meio da interação das crianças em sala de aula.

Na Educação Infantil e nos anos iniciais, os métodos de ensino são baseados em atividades que fomentam a imaginação. Nota-se que, em grande parte, as atividades são baseadas em conceitos seguindo estereótipos, ou seja, uma ideia ou imagem preconcebida com características visuais generalizadas, espécie de um molde, que não permite o aluno explorar suas invenções e criações. Não obstante, acaba-se por apenas seguir moldes artísticos e isso gera no aluno uma impotência, pois parte de suas criações sofrem influências destes estereótipos.

Deixo aqui minha posição. Não condeno a cópia, pois ela desempenhou um papel importante na formação tradicional dos artistas, a cópia valia para o estudo das inúmeras soluções para problemas de composição, colorido, luz e outros valores plásticos. Inclusive, a cópia é um recurso didático que gera possibilidades de recriar, sob um novo olhar, diferenciado do artista, o que chamamos de releitura que incorpora novos significados a partir da obra.

Como exemplos dessa prática, temos a utilização das releituras das obras de Romero Britto uma atividade muito comum na educação infantil. A partir da obra do artista os alunos empregam outras linguagens artísticas criando algo novo mantendo um elo de ligação com a obra que serviu de inspiração.

Percebe-se na infância o momento das descobertas, dos sonhos, onde as portas estão sempre abertas para as invenções. A partir deste contexto, a minha intenção é estimular o

fazer artístico, ampliando o vocabulário visual do sujeito pesquisado e impulsionando a imaginação para a criação artística – uma construção de aprendizagem voltada para seu repertório de vida, extraindo seus significados, seus sentimentos e emoções. Ainda, levá-los a experimentar, além de lápis de cor, canetinhas, papel e desenhos prontos, novos materiais não usuais no seu dia a dia que ampliem seus repertórios visuais, criando novas significâncias e descobertas.

Embora a criança no mundo moderno passou a ser vista como um ser social, que possui características e necessidades próprias, ainda assim é motivada pela novidade e por isso não tem medo de se aventurar em um mundo desconhecido.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI¹

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. [...] As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos (BRASIL, 1998, p. 21).

A escolha do tema sobre arte contemporânea na educação infantil surgiu com base em duas necessidades: uma pedagógica e outra pessoal. Pedagógica, pois percebo que é uma experiência pouco praticada em sala de aula da educação infantil – todo o tempo, os alunos são orientados a desenvolver atividades ilustrativas, como desenhar, colorir, trabalhar a coordenação motora, algo visto como simples lazer ou a ser apreciado e vivenciado apenas quando não houver nada considerado mais importante a ser realizado. É justamente pensando no processo da construção cognitiva e afetiva, através da experiência do aluno, que procurei realizar minha pesquisa. A fim de conhecer esse mundo recheado de dúvidas e perguntas, e de entender como a criança se sente em relação às suas indagações e como representa seus desejos, além de explorar as capacidades criativas aliadas às suas emoções e ao seu mundo ainda em construção.

Para tanto, considerei alguns temas da arte contemporânea, como corpo, espaço e tempo, por um viés reflexivo e problematizador, considerando o tema gerador de uma prática

¹ Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_voll.pdf

artística plural, na qual há uma ampla pesquisa de materiais, inter-relações de tempos, identidades, lugares, referências e significados.

Outra questão baseia-se na necessidade de um aprofundamento prático-teórico como docente em artes visuais no referido tema, pois considerava minha prática até então resistente ao conteúdo, o que despertou, em paralelo, descobertas e surpresas no que tange a produção artística contemporânea ao longo do curso.

Esta pesquisa se desenvolve a partir dos seguintes objetivos: observar o comportamento dos alunos diante da inserção de seus corpos na relação espaço-tempo, envolvidos pela afetividade do trabalho coletivo, no fazer artístico; operar com os sentidos; produzir sensações, estimulando a sensibilidade do aluno por meio da experiência que pode surgir na interação com a produção artística.

O corpo, representado pelo movimento, foi a fonte da nossa intervenção artística, dentro de seu espaço de aprendizagem que é a sala de aula.

O mundo da criança forma-se através dos seus primeiros contatos, a família, sua casa, seu bairro, sua cultura, a natureza e a riqueza humana que recebe dos adultos mais significativos das suas vidas. O espaço sócio cultural em que vive ou viveu, influência e dirige seu comportamento e a arte voltada para a educação do desenvolvimento da criança, promove a formação de seu senso crítico, afetivo e estético.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIDÁTICA DO TRABALHO: METODOLOGIA

Meu trabalho fundamenta-se principalmente na necessidade de um aprofundamento prático-teórico como docente em artes visuais no referido tema, pois considerava minha prática até então resistente ao assunto.

Baseia-se em uma pesquisa de campo, com alunos do Ensino Fundamental I, com idades entre 8 e 9 anos. Minha intenção é observar, analisar e interpretar fatos em um ambiente de vivência escolar e principalmente entender a relação do espaço físico da criança e sua relação de afetividade nos processos de aprendizagem.

A pesquisa possui características metodológicas qualitativas, pois visa compreender as atividades criadoras vivenciadas por meus alunos mediante de propostas que os favoreça a participarem ativamente de todo o processo.

A partir de um trabalho de observação, busco compreender os aspectos que tangem a realidade da escola e do aluno, observando os comportamentos, analisando-os e interpretando-os, relacionando-os com a fundamentação teórica. Para tal, eu realizei uma intervenção dentro da sala de aula em parceria com meus alunos.

Selecionei alguns recortes que considero importantes para esta pesquisa, na qual serão considerados no resultado final da produção artística dos alunos.

Ainda, no trabalho com artes, é necessário interpretar a imagem, percebendo os significados mais profundos que nela estão envolvidos. A imagem visível aguarda uma leitura invisível que é revelada a cada deslocamento que ela faz. Para Paulo Freire (2001, p. 260), “[...] a leitura de mundo artístico ocorre a partir do contexto em que se vive”.

Antônio Pereira (2013) define o eixo da apreciação da seguinte maneira:

Na apreciação também estão entrelaçados os aspectos simbólicos da produção artística e como a pessoa que dialoga com o artefato atribui a ele determinados significados. Aqui se operam uma série de relações provocadas pela interação entre sujeito e objeto. (PEREIRA, 2013, p. 22)

No eixo de produção, segundo Pereira, “estão envolvidos aspectos da criação artística, os elementos de natureza formal e simbólica”.

O sujeito mobiliza conhecimentos tanto conceituais quanto procedimentais, inventando tecnologias, adaptando materiais, articulando ideias. É nesse eixo que o aluno já tem condições de produzir. Todas as etapas que ele já percorreu permitem que ele se lance na produção artística, de modo qualificado, crítico e sensível. (PEREIRA, 2013, p. 22)

A primeira pergunta que me fiz foi: O que devo ter em mente para trabalhar a arte contemporânea com as crianças? Para falar sobre a arte contemporânea é preciso inicialmente conhecer a subjetividade da criança, já que o artista no universo contemporâneo usa questões de subjetividade em suas obras. A subjetividade é uma palavra muito usada nas leituras da arte contemporânea, cuja obra de arte também se apresenta como objeto simbólico, além do puramente estético.

É preciso uma leitura ativa, que una diversos meios de pensamento, relacionados a vários contextos. Mas o que implica as questões de subjetividade? É o eu, mundo singular de cada um, espaço, moradia? Quanto a esta questão, Edgar Morin (2002) levanta questionamentos que nos levam a refletir sobre a subjetividade relacionada ao Eu.

Essa é uma noção ao mesmo tempo evidente e misteriosa, é uma evidência perfeitamente banal, uma vez que qualquer um diz 'Eu'. Mas é uma noção misteriosa, pois temos dificuldade para dizer deste nosso 'eu'. Será, o nosso eu, a subjetividade? Mas o que é ela? (MORIN, 2002, p. 117)

Maria Campos de Araújo (2002, p.81) associa a subjetividade ao nosso território de experiências: “Contemporaneamente, a subjetividade é compreendida como o modo de organizar as experiências do cotidiano, os universos de sensações e representações”.

Baseando em minhas experiências, considero que a subjetividade envolve: eu, moradia, experiências. Esses aspectos poderão ser considerados para a intervenção artística dos alunos, envolvendo-os na construção do espaço vivenciado pela aprendizagem. Sendo um tema que envolve a criança, o espaço e a afetividade, considero relevante apontar o modo como se desenvolve o comportamento da criança em relação ao espaço.

Primeiramente, é importante entender como ocorre o desenvolvimento da noção espacial das crianças, suas características e sua relação com as capacidades intelectuais e motoras. Farei um breve relato das minhas experiências em sala de aula considerando as idades entre dois a onze anos de idade.

A noção espacial das crianças começa com sua localização no ambiente, em casa, na escola e na vida. O filósofo e poeta francês Gaston Bachelard toma a referência da casa como instrumento de análise da alma humana. Uma casa em que os mais escondidos cantos, o fundo de cada gaveta dos móveis, têm grande importância: nossas lembranças, nosso inconsciente, tudo isso está na alma, “nossa alma é uma morada”. Essa casa, essa alma, tem em nós um estoque de imagens e lembranças: “E quando nos lembramos das ‘casas’, dos ‘apostos’, aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos” (BACHELARD, 1978, p. 335).

Com o seu desenvolvimento, a criança começa a ter uma ideia da dimensão corporal em relação ao meio. Corpo e mente se desenvolvem simultaneamente com seu crescimento. A relação de espaço da criança se estabelece a partir dos lugares nos quais ela se relaciona afetivamente: a casa, a escola, os espaços familiares e de lazer. Esse processo ocorre entre dois a seis anos de idade, quando as crianças ainda possuem uma relação egocêntrica com o espaço.

Dos seis aos onze anos, a criança já consegue perceber um lugar, percebe o ‘além’, relacionado inclusive a lugares mesmo desconhecidos. Sua noção de espaço se amplia e o senso de observação lhe possibilita analisá-lo e representá-lo. A criança adquire a noção de

espaço geográfico e, à medida que cresce, consegue se orientar e não se perder, fazendo o uso de referências externas como orientação – uma casa amarela, um prédio muito alto, enfim, coisas que chamem sua atenção. Portanto, a noção de espaço da criança é construída por meio de informações e referências visuais do seu dia a dia.

Destaco a citação de Zabalza (1998, p.237), que será muito pertinente a proposta da aula. Conforme o autor, “Na educação Infantil, a forma de organização do espaço e a dinâmica que for gerada da relação entre os seus diversos componentes irão definir o cenário das aprendizagens”.

DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA

A proposta artística foi realizada através de uma intervenção dentro da sala de aula comum, pois, como já mencionado, a escola possui uma infraestrutura pequena. A turma é composta por 16 alunos e as carteiras são distribuídas em quatro filas. Às vezes fica difícil transitar pela sala, já que as mochilas ocupam o lugar de passagem. Também faltam materiais e recursos tecnológicos, portanto desenvolvo as aulas dentro das possibilidades que estão ao meu alcance, afastando as carteiras, colocando as mochilas no canto da sala e procurando fazer do pequeno espaço um local mais acessível e flexível a proposta.

Dependendo da atividade organizo pequenos círculos para trabalhos em grupo, eles adoram quando os trabalhos de pinturas são realizados de forma coletiva, com rolo de papel pardo esticado sobre o chão e sentados executam a tarefa trocando ideias e materiais.

À medida que as crianças foram chegando, perguntavam o que iria acontecer, pois qualquer mudança física já desperta o interesse e curiosidade, o que favorece a atividade.

Para dar início à proposta de intervenção, eu e os alunos iniciamos a preparação de todo o espaço da sala, afastamos mesas e cadeiras para desenvolver a atividade.

Após a decisão que ocorreu de forma coletiva, entre alunos e professora, escolhemos o lugar dentro da sala de aula, no qual realizaríamos a atividade.

A intervenção foi iniciada a partir das seguintes etapas:

- Como representar visualmente a intervenção?
- Abordar conceitos: como equilíbrio – espaço – tempo – corpo, entender a relação do aluno: espaço e afetividade;
- O fazer;

- Minhas reflexões pessoais em relação à prática docente em artes;
- Resultados apresentados.

Durante a aula, levantamos questões de como representar esse espaço e qual forma usaríamos. Para minha surpresa, os próprios alunos decidiram por um simples círculo.

Achei muito adequada a sugestão, porque o *círculo* é também sinônimo de movimento, expansão e tempo. Os alunos começaram a organizar e selecionar o material para a intervenção. O material que considerei mais apropriado foram rolinhos de cortiça, por ser leve e prático para transportar, o que possibilita movimentá-las de um lugar para o outro. Experimentar novos materiais para a atividade foi visto como algo curioso pelas crianças, pois amplia o repertório visual e material, criando novas significâncias e descobertas.

Para iniciar nossa intervenção, foram abordados alguns conceitos, como equilíbrio – espaço – tempo – corpo, aplicados em alguns contextos sobre espaços geográficos, urbanos e, principalmente, sociais, os quais fazem parte de seus cotidianos. Em seguida, foram feitas algumas perguntas aos participantes. Seguem abaixo as perguntas e respostas que destaco pela relevância na atividade.

(1) Quais são os espaços que você habita?

As respostas da maioria dos alunos foram: “minha casa, a escola, a casa de meus familiares, áreas de lazer como: shopping, parques”.

(2) O que você entende como seu espaço em sala de aula?

As respostas foram inúmeras, porém uma me chamou atenção: “É o lugar que todos nós devemos ser amigos e aprender a dividir as coisas e aprender”.

(3) O que você entende como espaço de todos?

Novamente destaco uma resposta: “[...] é o lugar que dividimos com os colegas para aprender e precisamos respeitar”.

Essas perguntas mostraram a relação dos alunos com o espaço em que habitam, o que para mim caracterizou-se como uma relação de afetividade, por considerarem o espaço do outro.

Inspirando-me na leitura do livro *A poética do espaço* de Gaston Bachelard (1978), em uma nova aula, agora com o objetivo de avaliar a relação que estabelecem com outros espaços, ou seja, habitar lugares inabitáveis, resgatando lembranças de coisas e objetos que, de certa forma, são lugares habitados pela imaginação e memórias e constituem repertórios marcantes em suas vidas.

Realizei algumas perguntas com a intenção de avaliar a relação que estabelecem com estes espaços inabitáveis. Quais elementos, objetos, lugares que estão presentes em suas memórias e que possuem grandes significados. Os alunos trocaram ideias, contaram histórias. Fizemos uma roda de conversa. E muitas coisas marcaram; a caixinha de música, os papéis de cartas, o esconderijo dos brinquedos, o ursinho de dormir, a casinha de bonecas, o caderno que desenhava lugares fantásticos. A reflexão que fiz, é que habitar não necessariamente é estar fisicamente em um espaço, as imagens são desencadeadas a partir de diferentes espaços temporais, e através deste espaço se pode chegar a uma fenomenologia da imaginação.

Novamente fiz outras perguntas com a intenção de avaliar a relação que fazem com outros espaços, como por exemplo, sua casa e espaços de lazer.

Para mim, ficou muito claro que a relação criança-espaço não se constituiu sempre de forma linear. Embora seja no espaço físico que as crianças conseguem estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, essas relações também dependerão das pessoas que constituem esses espaços. (Figura 1)

Então, partimos para a parte prática. Iniciamos a formação de círculos concêntricos. O primeiro aluno se posicionou em pé enquanto outros colegas começam a posicionar as rolas em círculo. (Figura 2)

Partimos para o segundo círculo, agora com colegas posicionados de pé enquanto os outros formavam novos círculos. Inquietos, eles queriam mudar de posição a cada construção de um novo círculo.

Enquanto os alunos se posicionavam e outros construía ao seu redor o desenho do círculo, fui dando ênfase à organização do espaço e sua construção. Observei a relação da criança dividindo o mesmo espaço com outros colegas através de um trabalho coletivo, proporcionado por um sistema de aprendizagem através do exercício da experimentação.

Com a minha percepção voltada para o posicionamento e entendimento da criança em relação ao espaço, onde o próprio participa efetivamente dessa construção, despertei nos alunos algumas reflexões: “Esse é o meu espaço e este é o espaço de todos” e “Quando devo habitar o meu espaço e quando posso habitar o espaço com todos os outros”. Como resultado, obtivemos um diagrama dos espaços e a representação da ideia proposta. (Figura 5)

A composição dos círculos sugere sinais de união, infinito e harmonia. Limitam e demarcam áreas, o que está dentro e mantém as coisas fora. Podem oferecer segurança e

conexão. Estas foram algumas reflexões e interpretações, que considerei pertinente ao trabalho; características de algumas propostas presentes na arte contemporânea.

A atividade foi bastante enriquecedora para mim como professora, pois me fez refletir sobre algumas questões: Partindo da experiência pedagógica do personagem Joseph Jacotot, narrada por Jacques Rancière em ‘O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual’² (2010), podemos questionar os processos de aprendizagem, a relação do Ser ao Saber e a função do professor.

Posto isto, elaboro algumas questões:

- 1) Aprender se restringe apenas a quadro e giz? Pensar em uma aula de arte que desperte no aluno o estranhamento diante uma nova configuração do espaço de aprendizagem, sendo ele próprio capaz de produzir sentidos para a própria aula.
- 2) Espaço da criação ou criação do espaço? Como o corpo pode fazer parte do processo de criação e da aprendizagem? O aspecto do corpo na atividade faz com que a criança interaja diretamente vivenciando, experimentando e expressando.
- 3) Como a criança aprende através da linguagem visual, participando da criação em que está inserida? Ela não é mais um ser passivo, e sim, um ser que é capaz de apresentar inquietudes que mobilizam sua sensibilidade.

A partir destas perguntas, refleti sobre o processo do fazer artístico, no qual as crianças aprendem experimentando o sabor pela construção de seus conhecimentos. Elas são recíprocas ao novo e ao fato de que não é preciso imagens impressas para pintar, nem moldes ou cópias nas atividades artísticas para aprender. As crianças são capazes de aprender com a arte através das reflexões propostas nas atividades, que estão relacionadas às suas experiências. Além disso, o processo de aprendizagem para ser eficaz precisa ser construído com o aluno.

² ‘O Mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual’ é uma obra de cunho filosófico e traz reflexões importantes sobre a emancipação intelectual dos indivíduos, discutida através da relação pedagogia-educação.

Destaco trecho do livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* de Paulo Freire:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p.47)

Outra reflexão que fiz é que a arte contemporânea pode ser uma referência na educação infantil, tendo em vista uma abordagem interrogativa, crítica e lúdica. As provocações dessa prática podem sugerir uma forma de ensinar que propicia às crianças outros modos de expressarem o seu mundo e seus sentimentos de forma significativa, contribuindo para a sua formação estética e ética.

Ao concluir a proposta, as crianças saíram de dentro dos círculos e demos início às reflexões sobre a intervenção artística como aprendizagem, carregada de uma bagagem histórica do universo da criança, em que ela se expressa e vê a expressão do outro.

Lancei perguntas ao grupo: “O que mais incomodou durante o processo e quais foram as dificuldades? Como foi a aprendizagem e o que foi significativo?” Minha intenção era observar como os alunos se relacionaram com uma atividade que na verdade requer situações novas e de improvisos.

Jacotot também advogava outros procedimentos como improvisações para “destravar” os aprendizes e fazê-los fortalecer sua autoconfiança: “Qualquer pessoa é capaz de aprender qualquer coisa. Improvisar ajuda a internalizar isso na medida em que reduz nossas barreiras frente à imprevisibilidade do real, que está sendo a todo momento” (RANCIÈRE apud BRETAS, 2010).

Fizemos uma roda de conversa e os alunos disseram que foi diferente, mas bem movimentado. Também disseram que a dificuldade maior foi em relação ao pouco espaço que tínhamos, pois a sala de aula é pequena e todos queriam participar, fazer um círculo bem maior e colocar ali toda a escola, e que também iriam escolher os colegas com os quais dividiriam os espaços.

Esta fala demonstrou para mim a afetividade que envolveu todo o processo da intervenção, como ela é importante na aprendizagem; as crianças aprendem a fazer escolhas, organizar espaços, desconstruir, reconstruir, enfim, que o afeto é um laço que une os alunos a

um conjunto de valores, sentimentos, autoestima; que a afetividade é a mistura de todos os sentimentos e que ensina a aprender.

CONCLUSÃO

Para a minha prática docente, o trabalho desenvolvido foi bastante desafiador, pois nos deparamos a todo o tempo com os imprevistos e com desconstruções pessoais e dos alunos no que diz respeito à aula de arte. Convivemos com as incertezas e nos entregamos às estranhezas, ou seja, é surpreendente que, durante todo o processo, lidamos com diversos tipos de comportamentos, meu e dos alunos.

Outra consideração que faço é que trabalhar com a arte contemporânea na educação infantil apresenta a possibilidade de a criança dialogar com a vida cotidiana, através de uma nova configuração não habitual, que mobiliza sensações, imaginações e reflexões.

Refleti que o professor é um interlocutor do processo de criação, e que o caminhar na experiência compartilhada desperta um ser poético de reflexões e de afetividade, dando sentidos à educação pela arte. Quando o professor assume um papel de mediador, é capaz de organizar um ambiente e de promover situações-problema, propostas e provocações que despertem na criança a criatividade, afeto, autonomia e expressão.

Ponderei, principalmente, que não devemos subestimar a capacidade dos alunos diante de novos saberes. Não basta somente conhecer a linguagem artística. É preciso que o aluno se relacione com ela e que essa relação consista em apreciar, produzir e refletir. Percebi que quando o produzir e refletir são trabalhados conjuntos, a aprendizagem se torna muito mais significativa.



Figura 1 - Fonte: Acervo Pessoal. Juiz de Fora, MG, 2019.



Figura 2 - Fonte: Acervo Pessoal. Juiz de Fora, MG, 2019.



Figura 3 - Fonte: Acervo Pessoal. Juiz de Fora, MG, 2019.



Figura 4 - Fonte: Acervo Pessoal. Juiz de Fora, MG, 2019.



Figura 5 - Fonte: Acervo Pessoal. Juiz de Fora, MG, 2019.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Gercilene Campos de. Subjetividade, crise e narratividade. In: **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. II, n. 1, p.79-91, mar. 2002. Disponível em: <http://hp.unifor.br/hp/pos/mps/revista/2002/revista_v2_n1/6_gercileni.pdf>. Acesso: 20 mar. 2019.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010. Disponível em: <<https://blocoedomeimporto.wordpress.com/2011/02/27/e-preciso-transver-o-mundo/>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019.

BRETAS, Alex. **O Mestre Ignorante: como todas as pessoas podem instruir a si mesmas**. Medium, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@alexbretas11/o-mestre-ignorante-como-todas-as-pessoas-podem-instruir-a-si-mesmas-225cbf947220>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

CARLOS, Jean. **O corpo na Arte Contemporânea**. Disponível em: <<http://esteticaeoriadaarte2.blogspot.com/2013/07/o-corpo-na-arte-contemporanea-por->

jean.html>. Acesso em: 12 abr. 2019.

CORRÊA, Vanisse Simone Alves; OLIVEIRA, Eliane dos Santos de. Ensino de artes: a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa. São Paulo: **Revista Contemporartes**, 2018. Disponível em: <<http://revistacontemporartes.com.br/2018/12/14/ensino-de-artes-a-abordagem-triangular-de-ana-mae-barbosa/>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

FELDMAN, Marina. **A Arte e a Criança: Fundamentos estéticos para a Educação Infantil**, 2013. Monografia (Especialização em Docência na Educação Infantil).— Universidade Federal do Paraná, Paraná, PR, 2013. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/51008/R%20-%20E%20-%20MARINA%20FELDMAN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 mar 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIPPARD, Lucy R.; CHANDER, John. A Desmaterialização da arte. In **Revista Arte & Ensaios** n. 25, Rio de Janeiro: UFRJ. Disponível em: <https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/12/ae25_lucy.pdf> Acesso em: 05 abr. 2019.

MATOS, Juliana Mendes Matos. **A organização do espaço da Educação Infantil: A Perspectiva das crianças**. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE). Anais 16 a 19 set. 2008, Niterói. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21037_10391.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2019.

MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. 3.ed. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 2002.

HANK, Vera Lucia Costa. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. Brasil Escola, 2006. Disponível em: <<https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

RANCIERE, Jacques. **O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

READ, Herbert. **A Educação pela arte**. Trad.: Ana Maria Rabaça e Luiz Felipe Silva Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

VERGANO, Solange. **Arte conceitual e o ensino de artes visuais**. In: IV ENLETRARTE (ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE LETRAS E ARTES), 2009. Anais. 26 a 28 ago. 2009, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:5M6KHPAW1FcJ:www.essentiaed itora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/download/1729/913+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.